



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JONATHAN SOUZA DE ALMEIDA

**PARACAMBI: A VIDA DOS OPERÁRIOS TECIDA NO RITMO DE SUAS
MÁQUINAS**

SEROPÉDICA

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JONATHAN SOUZA DE ALMEIDA

**PARACAMBI: A VIDA DOS OPERÁRIOS TECIDA NO RITMO DE SUAS
MÁQUINAS**

Pesquisa realizada com o objetivo de compor o trabalho de conclusão do curso de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Lirian Melchior –
DEGEO/UFRRJ.

SEROPÉDICA

2020

ALMEIDA, Jonathan S. de

Paracambi: A vida dos operários tecida no ritmo de suas máquinas.

Jonathan Souza de Almeida – Seropédica: UFRRJ/ DEGEO, 2020.

Monografia – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ/DEGEO
– Curso de Geografia, 2020. Orientadora: Profa. Dra. Lírian Melchior –
DEGEO/UFRRJ.

1. Geografia da População 2. Geografia Cultural 3. Geografia da Indústria

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos que me apoiaram não só na vida acadêmica, como em todos os meus passos. Também dedico à Carolina Rodrigues, amiga sem a qual eu não sobreviveria a essa graduação.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que mesmo diante de todos os meus defeitos, não desistiu de mim e me concedeu a graça de encerrar mais essa etapa e estar de pé para desfrutar dessa conquista.

Aos meus familiares que celebram comigo por ser o primeiro membro da família a ingressar em uma universidade. Agradeço ao meu pai e minha madrasta, que sempre ressaltaram a importância da educação e lutaram para que eu pudesse extrair o máximo dos meus estudos, me acompanhando de perto em todos os momentos escolares. Em especial agradeço a minha avó Elisabete que mesmo sem ter conhecimento do meio acadêmico, me deu todo o suporte que eu precisava para prosseguir na universidade, sem ela eu não teria passado do terceiro período. Ela faz parte também da escolha do tema dessa monografia, visto que ela foi uma das operárias retratadas nesse trabalho e desde a minha infância me conta sobre a sua vivência e me encanta com suas histórias sobre Paracambi e suas fábricas.

Aos meus amigos que me deram suporte emocional quando eu mais precisei, e eu precisei muito ao longo de toda a graduação. Dentro desses amigos, agradeço especialmente à Melhor Parte da Geografia, nomeada assim por nós mesmos e sem espaço para discordância. Destaco dentro desse grupo Carolina Rodrigues, Jonathan Araújo e Wallace Rodrigues, aqueles com quem dividi casa, comida, crises de ansiedade, sorrisos, provas, muitos lanches e muitas alegrias. Obrigado por me proporcionarem alguns dos melhores momentos da minha vida. Agradeço ainda a Ana Cristina e Elluan Patrick, que não cursaram Geografia, mas levam uma boa parte do currículo geográfico por me acompanharem tão de perto e serem meus melhores amigos na vida.

Seria impossível não agradecer aos melhores professores, do melhor curso, da melhor universidade. Cada geoprofessor conta com a minha eterna gratidão, desde o primeiro ao último período. Espero um dia ter a classe e conhecimento do professor Leandro; ensinar com o amor e paixão que recebi das deusas Ambrosina, Andrea e Regina; espero poder perpetuar o que absorvi de cada professor que tive a honra de conhecer nesse departamento. Destaco a importância imensurável da minha orientadora Lírian Melchior, por quem me apaixonei desde o primeiro dia de aula e

segui nessa admiração a cada aula ministrada. Cada trabalho de campo, cada texto do Lobato (risos), cada aula com temas que me aproximaram ainda mais da geografia e me guiaram em estudos que me definiram enquanto professor pesquisador. Agradeço por não desistir de mim e da minha pesquisa, mesmo quando eu já estava sem forças diante dos problemas da vida. Sem dúvida eu sou privilegiado por ter recebido e serei eternamente grato.

Não posso deixar de agradecer a cada um que me recebeu em sua casa e se dispôs a abrir suas memórias e compartilhar comigo as histórias de suas famílias, cada entrevista feita para esse trabalho foi de grande valia também para minha construção como indivíduo, dando-me uma maior compreensão da minha própria história enquanto paracambiense. Espero poder ajudar a perpetuar a história dessas famílias e mostrar a importância da experiência vividas por cada uma delas diante da construção de uma sociedade consciente das necessidades e valor de cada indivíduo que a compõe.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da vivência dos trabalhadores paracambiense vinculados às fábricas têxteis que operaram na cidade entre os anos de 1876 e 2007, compreendendo o início das instalações fabris, o fim de sua atividade e o impacto no município. A partir disso, contextualizar a rotina dos trabalhadores e como a vida dos mesmos era controlada pelo meio de produção em que trabalhavam, fazendo uso de dados históricos e entrevistas com moradores de Paracambi que vivenciaram parte do período em questão.

Palavras-chave: indústria; Paracambi; trabalho

ABSTRACT

This work aims to make an analysis of the experience of Paracambi workers linked to the textile factories who operated in the city between the years 1876 and 2007, including the beginning of the manufacturing facilities, the end of their activity and the impact on the municipality. From this contextualize the workers routine and how their lives was controlled by the means of production in where they worked, using historical data and interviews with residents of Paracambi who experienced part of the period in question.

Key-Words: industry; Paracambi; Work

Sumário

Introdução	10
1. Desafio para desenvolver uma pesquisa científica - Metodologias	12
1.2 A história que não consta nos relatórios fabris: a história oral como metodologia	12
2. Observações sobre o Processo de Industrialização Fluminense	16
2.1. A Origem do Município sua ligação com as fábricas têxteis	20
3. A indústria têxtil em Paracambi e o cotidiano de seus operários	27
4. Tempos Modernos? A fábrica de conhecimento e a formação de trabalhadores.....	37
Considerações Finais.....	43
Bibliografia	45
Anexo	48

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Vista atual da Fábrica Maria Cândida e da antiga Vila Operária.	14
Figura 2 Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro	19
Figura 3: Brasil Industrial por volta de 1939.	21
Figura 4 Estação Ferroviária por volta de 1930.....	22
Figura 5 : Quadro de horários da Estrada de Ferro d. Pedro II por volta de 1860....	23
Figura 6: Fábrica Santa Luiza inaugurada em 1893 (Data da imagem não confirmada).	28
Figura 7: Foto com funcionários da Brasil Industrial.....	30
Figura 8 : Time de futebol patrocinado pela Cia Brasil Industrial.....	31
Figura 9: Festa na Capela da Brasil Industrial em 1907.....	33
Figura 10: Festa de N. S da Conceição, na fábrica Brasil Industrial, na década de 1950.	34
Figura 11: Campanha publicitária divulgada pelo governo do Rio de Janeiro.	39
Figura 12: prédio da Brasil Industrial em 2020, onde funcionam o IFRJ e outros projetos educacionais.....	41

Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem sua atenção voltada para a vivência dos operários paracambienses no período entre os anos 1876 e 2007, fazendo também uma análise da evolução industrial do município de Paracambi. Para tal, será feita uma observação das mudanças ocorridas no espaço geográfico do município em questão e na vida de seus moradores, que foram ora beneficiados, ora prejudicados com o avanço da urbanização e industrialização através dos anos. Ao observar a evolução do território brasileiro, é visível a mudança causada pela indústria na configuração espacial. Toda uma cidade pode ser moldada ou até mesmo criada para preencher a necessidade industrial do capital, seja para fornecer operários, maquinário ou qualquer outra fonte de alimentação industrial (como recursos naturais). Tal mudança abrange diretamente a dinâmica do trabalho na cidade (ou fora dela), e, deste modo, altera drasticamente a rotina dos trabalhadores. Com isso, a forma de percepção do espaço e do tempo fica entrelaçada a ocupação diária do trabalhador, que passa a ter em sua vida, diferentes fluxos informacionais, populacionais e o tempo se distorce. Tal mudança, seguindo a teoria da compressão do espaço-tempo de Harvey (2004), causa na vida do trabalhador uma modificação no próprio modo de vida com a generalização de novas práticas, experiências e formas de vida. Dentro dessa observação, Milton Santos afirma que:

Nós, homens, não temos o mesmo comando do tempo na cidade; as firmas não o têm, assim como as instituições também não o têm. Isso quer dizer que, paralelamente há um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço.

(SANTOS, 1989, p.1)

Todo o Estado do Rio de Janeiro apresentou os reflexos dessa mudança que alcançou as grandes metrópoles do país, por isso se faz necessário também um pequeno panorama dos entornos da Região Metropolitana do Estado. Ao se tratar dos fluxos de expansão urbana das cidades e a relação com a organização do trabalho, Souza (2008, p. 50) adverte:

A rede urbana não é 'inocente', no sentido de ser um 'simples' conjunto de cidades ligadas entre si por fluxos de pessoas, bens e informações, como se isso fosse coisa de menos importância ou nada tivesse a ver com os mecanismos de exploração e exercício do poder existente em nossas sociedades

(SOUZA, 2008, p.50).

Segundo Corrêa (1997, p. 280) estas relações “refletem as diferenças de lugares face às necessidades historicamente identificadas” e evidenciam “relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outro, ampliando as diferenças já existentes”.

[...]as interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço

(CORRÊA, 1997, p. 280,).

Ao analisar a rede urbana então, percebe-se que ela está associada diretamente aos elementos históricos, culturais e econômicos que configuram as próprias relações espaciais. A urbanização define as características específicas que moldarão as relações espaciais, visto que é durante esse processo de urbanização que a rede urbana se “constitui e passa a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente.” (FRANÇA, 2015, p.233).

Sendo assim, sempre que há uma transformação de impacto econômico ou cultural, transforma-se também a organização territorial, logo, surgem novas dinâmicas nas redes urbanas, trazendo consigo novas dinâmicas nas interações espaciais.

Tendo em vista esses fatores, o presente trabalho se divide em três partes. A primeira se propõe a analisar o processo de industrialização da Baixada Fluminense, com ênfase na cidade de Paracambi, buscando entender os motivos que levaram a cidade a ser um atrativo para a indústria têxtil e como presença dessa indústria moldou a urbanização do município. A segunda parte tem foco na vida dos operários, sua rotina nas vilas operárias e como as fábricas preenchem as camadas de vivência de tais operários, fazendo uma análise a partir da história contada pelos próprios trabalhadores fabris, visando centralizar a discussão nos impactos sociais sofridos pelos mesmos diante da demanda capitalista. A terceira parte da pesquisa levanta um questionamento sobre o uso das instalações da Brasil Industrial como polo educacional, fazendo uma análise sobre o ensino técnico voltado para os fins do sistema capitalista, prejudicando assim a disseminação do conhecimento como forma de autonomia e formação crítica.

1. Desafio para desenvolver uma pesquisa científica - Metodologias

Tendo como base teórica estudos de Geografia da População, Geografia da Indústria, Geografia Urbana e também Geografia Cultural, é possível estabelecer uma linha de raciocínio sobre os pontos de vista da sociedade e da indústria, fazendo uma junção entre eles e alcançando uma visão ampla do município em questão, dentro do período histórico a ser estudado. Paulo Fernandes Keller foi de extrema importância para esta pesquisa, visto que “Fábrica e Vila operária: a vida cotidiana dos operários têxteis em Paracambi/RJ”, de sua autoria, foi uma fonte essencial de dados sobre as companhias têxteis e das suas respectivas vilas operárias.

A escassez de dados sobre a Companhia Têxtil Brasil Industrial e demais empresas, já fechadas, torna árdua a tarefa de uma pesquisa mais profunda, no entanto, ainda é possível encontrar informações suficientes para esta análise. Para suprir tal carência de dados técnicos acerca das companhias, foi usado como recurso entrevistas com moradores do município de Paracambi que trabalhavam nestas empresas no auge industrial da cidade, e também, com moradores que mesmo não trabalhando nas fábricas em questão, tiveram suas famílias diretamente envolvidas nesse processo de industrialização. Assim, será possível entender a dinâmica imposta a estes trabalhadores que, diante de um cenário onde o trabalho fabril era a escolha mais acessível, se viram presos a esse meio de produção, sendo envolvidos em uma rotina que ocupava cada segundo do seu dia.

Deste modo, a junção dos dados técnicos sobre as fábricas, somadas às entrevistas realizadas, possibilita a compreensão das questões que envolvem a vida dos operários paracambiense frente a uma rotina que representa a presença do capitalismo na vida do proletariado.

1.2 A história que não consta nos relatórios fabris: a história oral como metodologia

A história oral começou a ser usada como metodologia a partir dos anos 1950 e, segundo a Fundação Getúlio Vargas, consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas,

instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Somadas aos documentos, imagens e outras fontes de informação, as pesquisas na história oral se revelam fontes de compreensão do passado, seja individual ou coletivo.

A base para a história oral abordada aqui são as memórias de cada indivíduo entrevistado ao longo do processo de construção deste trabalho. Pensando na história de Paracambi e, principalmente, no recorte temporal concernente as fábricas têxteis, a construção da identidade coletiva na cidade passa diretamente pela construção e organização dessas memórias, sendo afetadas pelos fatores políticos, sociais e afetivos em cada indivíduo em específico. É possível entender assim parte da formação de uma identidade coletiva no município, que vai além das experiências individuais, ao mesmo tempo em que as têm como base fundamental.

“Entende-se por identidades coletivas todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência de pertencimento.”

(POLLAK, 1992, p. 207)

Faz-se necessário salientar que, ainda que outras fontes de dados tenham sido utilizadas neste trabalho, há uma preocupação em destacar a participação dos moradores de Paracambi que se dispuseram a abrir suas casas, vidas e memórias e torna-las parte desta pesquisa. Diante disso, fica evidente a carência de uma documentação de tais relatos que constituem parte tão importante da construção social do município. Tal documentação não é o objetivo final deste trabalho, porém é inegável o peso desta questão diante de um pesquisador.

As entrevistas realizadas nesse trabalho foram embasadas em pesquisas prévias, com roteiro definido de modo a centralizar as discussões nos assuntos pertinentes a construção da análise em questão. No entanto, tais entrevistas se mostraram ainda mais profundas, trazendo à tona um conhecimento sobre a memória coletiva de Paracambi, sendo perpetuada sob a visão das famílias que construíram a cidade desde sua fundação até os dias atuais. Entre as famílias entrevistadas, a história oral se mostrou de extrema importância para a construção da identidade dos indivíduos, onde estas memórias são registradas em poucas fotografias e muitas vezes não contam com a escrita para perpetuá-las.

“Eu sei que eu fico falando que meu pai e minha mãe faziam isso e aquilo toda hora, mas é porquê isso é o que mais me marca, sabe? Meu pai que pediu emprego na fábrica pra mim e minha mãe me ensinou o que ela podia até eu pegar no tranco sozinha. É uma pena que eu entrei pra Maria Cândida quando ela já tava pra fechar, fiquei poucos aninhos lá.”

(Neide, 50 anos)

Figura 1 Vista atual da Fábrica Maria Cândida e da antiga Vila Operária.



Fonte: Acervo pessoal.

Em meio a respostas curtas e por vezes incertas sobre o funcionamento das fábricas ou das questões econômicas, alguns entrevistados se dispuseram a falar mais do que o esperado, a ponto de alguns diálogos durarem por mais de uma hora, onde o entrevistador pouco falou e apenas se concentrou em absorver toda a história exposta através das memórias descritas ali. Mesmo quando algum entrevistado se mostrava um pouco mais reservado, com uma personalidade mais fechada, à medida que as memórias eram acessadas, a conversa se tornava tão imersiva ao ponto que não foram poucos os momentos em que lágrimas vieram aos olhos, não só dos entrevistados, como também do entrevistador. Tais fatos trazem à tona a necessidade dos estudos acadêmicos em não apenas ter a sociedade como objeto de estudo, como também de se tornar um produto acessível para a mesma.

“Nunca que eu ia imaginar que na faculdade vocês também falavam de Paracambi. Parece até quando a gente aparece no jornal da televisão, sabe? A gente fica que nem cidade importante. Bobeira, né? ”

(Sérgio, 57 anos)

Foram realizadas cerca de vinte e sete entrevistas, sendo todas no próprio município de Paracambi, com moradores que tiveram algum tipo de envolvimento com as fábricas têxteis, diretamente ou por meio de familiares e amigos.

2. Observações sobre o Processo de Industrialização Fluminense

Antes de focar em um recorte espacial/temporal da relação entre vida e trabalho, é necessário um panorama dos acontecimentos envolvendo a dinâmica dos movimentos populacionais na cidade do Rio de Janeiro e seus arredores, de modo a obter um melhor entendimento dos eventos estudados.

Para entender a rede urbana fluminense é preciso atentar para a formação espacial do Rio de Janeiro, entendendo os aspectos que moldaram a forma como se dão as relações nesse recorte espacial. Segundo Lobato Corrêa, é necessário enfatizar que, abordar a formação espacial não significa de modo algum “abdicar-se do econômico, do político, do social e do cultural, que são facetas de uma mesma totalidade que se manifesta de modo integrado no espaço e no tempo” (CORREA, 2000). Sendo assim, para que uma análise da rede urbana enquanto manifestação espacial seja efetiva, é preciso aprofundar o olhar nessas faces que compõe a espacialidade, principalmente na formação da área urbana fluminense, que carrega uma herança de luta contra o racismo e desigualdade social.

Ao se debruçar sobre o processo de formação da rede urbana é possível observar que além dos agentes internos envolvidos nele, ou seja, aqueles que habitam nas áreas centrais, periféricas e afins, estão envolvidas também forças externas que atuam sobre essa formação. Tais forças externas, como o Capital e o Estado, vão além do interesse do indivíduo e direcionam as configurações espaciais das relações, determinando áreas específicas para certos grupos sociais, símbolos e significados, concentração de renda e outros fatores. Logo, ao passo que cada indivíduo atua sobre a construção do espaço, é influenciado e limitado por forças externas que modelam as redes urbanas. A necessidade de produção e consumo inerentes ao capitalismo se manifestam de maneira física no espaço, fazendo com que a organização social reflita o padrão necessário para suprir essa demanda. Sendo assim, as próprias classes sociais são alocadas no espaço de forma que a rede urbana não só sirva ao propósito financeiro do capitalismo, servindo de mão de obra onde for necessário, como também ao propósito das classes dominantes, formando regiões que são habitadas apenas por uma parcela privilegiada da população. Nesse modelo, a região central do Rio de Janeiro concentrava em si a importância por ter os

produtos e serviços sendo oferecidos num polo que destoava das demais regiões do estado, focadas no sistema de *plantation* e com grandes áreas predominantemente rurais.

Com a expansão urbana por meio principalmente da introdução dos transportes ferroviários, a oferta de empregos alimentava a grande concentração de população operária. Contudo, segundo Maurício de Abreu (1987), a cidade que tinha a pretensão de se tornar uma grande referência como Montevideu e Buenos Aires, investiu em vias públicas, arrasamento de morros, quarteirões constituídos por cortiços e outras medidas (ABREU, 1987); ao mesmo tempo em que a precariedade dos transportes, que já se mostravam insuficientes para o fluxo de trabalhadores, obrigava muitos a se estabelecerem nas áreas centrais.

Já por volta dos anos 1930, no Rio de Janeiro as migrações internas superam as migrações internacionais em números, sendo o estado um grande centro receptor de migrantes nordestinos e mineiros (em sua maioria). No início dos anos 1960, o Estado iniciou a campanha de “limpeza” dos espaços de valor econômico e simbólico do Rio de Janeiro através da remoção da população em áreas de favelas, com o pretexto de melhorar o sistema viário que, por sua vez, já se mostrava insuficiente ante ao fluxo de moradores entre seus lugares de moradia e trabalho. Com a implementação de políticas governamentais para tentativas de controle social sobre o uso do solo urbano, a ocupação das áreas da cidade por parte da população de renda mais baixa foi inibida. Sendo assim é possível enxergar no Rio de Janeiro uma clara divisão territorial frente às classes dominantes e as mais baixas, onde o lugar de moradia não é simplesmente “a localização”, morar na Zona Sul Fluminense ou morar na Zona Oeste tem grande significado. Sobre essas diferenças sócio-espaciais, Correa diz que elas são “inevitáveis e necessárias ao capitalismo” (CORREA, 2007, p.63). O significado de ser morador da Zona Sul do Rio de Janeiro traz consigo uma série de camadas a serem analisadas de forma específica. O recorte espacial aqui não é feito apenas do ponto de vista cartográfico, mas também das relações econômicas, onde uma parte do território torna-se instrumento de segregação, afastando as classes econômicas mais baixas, dando múltiplos sentidos ao lugar. No entanto, essa diferenciação não é feita de maneira aleatória, ela é uma ferramenta de manutenção do sistema capitalista, possibilitando uma configuração de classes nas interações espaciais.

Essas diferenças sócio-espaciais constituem simultaneamente reflexo, meio e condição para o funcionamento e reprodução do sistema capitalista. É, assim, funcional ao capitalismo, cuja ação apresenta uma dimensão espacial, resultado de complexas práticas espaciais.

(CORREA, 2007, p.63)

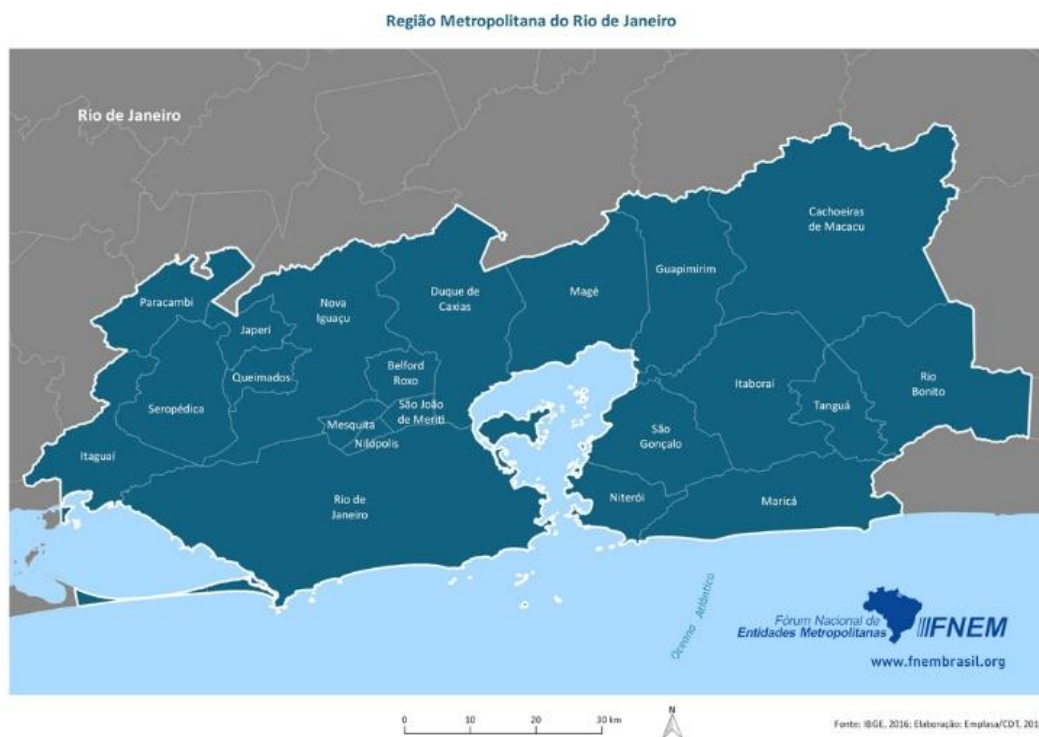
Com a expansão urbana e a modernização da área central do estado, os trabalhadores se viram obrigados a acompanhar “as bordas” dessa expansão. Um dos fortes eixos dessa expansão foi a Baixada Fluminense, onde os trabalhadores (sem infraestrutura vinda do Estado) construíram suas casas numa interação mútua e de forma precária. Toda essa organização espacial reflete a ideia de espaço urbano apresentado em Correa (2004), onde o mesmo é um reflexo das relações sociais, ao passo em que também é condicionante para a construção dessas relações.

“Assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social e, classes [...] Mas o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente.”

(CORREA, 2004).

Pensando no Rio de Janeiro, todas as suas divisões em áreas centrais, residenciais e industriais, estão articuladas entre si, sendo conectadas pelas relações espaciais: fluxo de pessoas, mercadorias, investimentos e outras dinâmicas. Mesmo com a desconcentração da área central, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro ainda era (é) grande ponto de atração no que diz respeito à oferta e procura de empregos, lazer e serviços. Ainda assim, é possível observar uma reorganização espacial, que é fruto da diversificação da rede urbana, indo por caminhos que possibilitam o surgimento de novas áreas centrais que atraem investimentos, população e concentração de capital de forma a atender a mesma demanda capitalista de distribuição de produtos e serviços.

Figura 2 Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro



Fonte: IBGE, 2016; Emplasa/CDT, 2018.

A mudança de foco na concentração urbana e, conseqüentemente nas relações desenvolvidas em decorrência da mesma, tem como base principal a mudança na economia, mais precisamente na divisão territorial do trabalho, visto que ao ser necessário se instaurar grandes indústrias afastadas do centro urbano original, por assim dizer, toda uma estrutura é construída em torno dessa indústria e sua região se torna um polo onde uma relação complexa se desenvolve para atender as demandas socioeconômicas criadas ali. Portanto, essa reorganização espacial está diretamente ligada ao desenvolvimento e complexidade “[...] de uma ampla rede urbana, abrangendo vários tipos de centros localizados em vários territórios [...]” (CORRÊA, 1989, p.53)

Partindo dessa base de análise é possível começar a entender o processo de urbanização de Paracambi, pensando-o como um fragmento de um processo muito maior, que abrangera não só sua região, como também o próprio estado do Rio de Janeiro.

2.1. A Origem do Município sua ligação com as fábricas têxteis

Milton Santos diz que: “seja para responder às necessidades de uma população, tendo um nível de vida mais elevado, seja para dirigir a colheita de produtos exportáveis, inúmeras cidades criaram-se ou desenvolveram-se no interior do país. ” (SANTOS, 2001, p.46). O município de Paracambi, se encaixa nessa afirmação, sendo possível observar em cada parte do seu processo de formação, sua organização e sua história, a demanda que levou à sua criação e os impactos que isso causou em sua população em todos os níveis sociais e econômicos. Cada dado técnico sobre as fábricas têxteis, cada depoimento de trabalhadores e cada análise conceitual denotam a força do capitalismo expressa na organização territorial da cidade, indo da sua criação à formação educacional oferecida na mesma. Logo, é necessário atentar para os detalhes nas relações sociais, nos processos históricos e na organização espacial da cidade.

“É engraçado ver o quanto a cidade mudou depois de tantos anos, antes era só a fábrica, a escolinha e as mercearias. Hoje tem até faculdade aqui, tem hotel, aquelas lojas grandes no centro. Se meu pai estivesse vivo, não ia reconhecer nada, no nosso tempo era tudo diferente...”

(Genilta, 76 anos.)

Paracambi é uma palavra originada do tupi-guarani e significa “Macaco Pequeno” (Tairetá tem o mesmo significado). O Município de Paracambi é resultado da junção do 7º distrito de Vassouras, denominado Tairetá, e do 3º de Itaguaí, chamado de Paracamby, que eram separados pelo Rio dos Macacos e que já tinham seus limites confusos devido ao avanço da população. A força motora da emancipação política dos distritos proveio principalmente de seu crescimento econômico, gerado pela implementação de grandes indústrias em suas localidades. A emancipação veio a se concretizar em 08 de agosto de 1960, quando a Lei Estadual nº 4.426 uniu Paracamby a Tairetá num só município. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE do ano de 2010, o município contava com uma população de 47.124 habitantes, correspondente a 0,4% do contingente da Região Metropolitana, a densidade demográfica era de 262,2 habitantes por km². A taxa de urbanização correspondia a 88% da população. Para entender esses momentos, é preciso voltar alguns anos e analisar o crescimento desses distritos.

Primeiramente, não se pode ignorar um grande fator de atração aos investimentos industriais que foi a abundância de recursos naturais. As fábricas alocadas na região dispunham de abundantes rios e quedas d'água para utilizar como geradores de energia, assim como terrenos propícios a criação de vilas operárias, a presença da ferrovia, dentre outros fatores. Não coincidentemente, a Cia Brasil Industrial foi instalada junto a mata e a quedas d'água, a 1km do Ramal Ferroviário de Macacos, que ligava o povoado a Belém (hoje, Paracambi e Japeri). Tendo iniciado suas atividades em 1871, a Cia Brasil foi considerada, por muito tempo, como a maior fábrica têxtil do Brasil, tendo sua própria linha férrea que ia de seu portão de entrada até o ramal de Macacos, facilitando o escoamento da produção e a locomoção dos funcionários.

Figura 3: Brasil Industrial por volta de 1939.



Fonte: Grupo “Paracambi Antigamente” no Facebook.

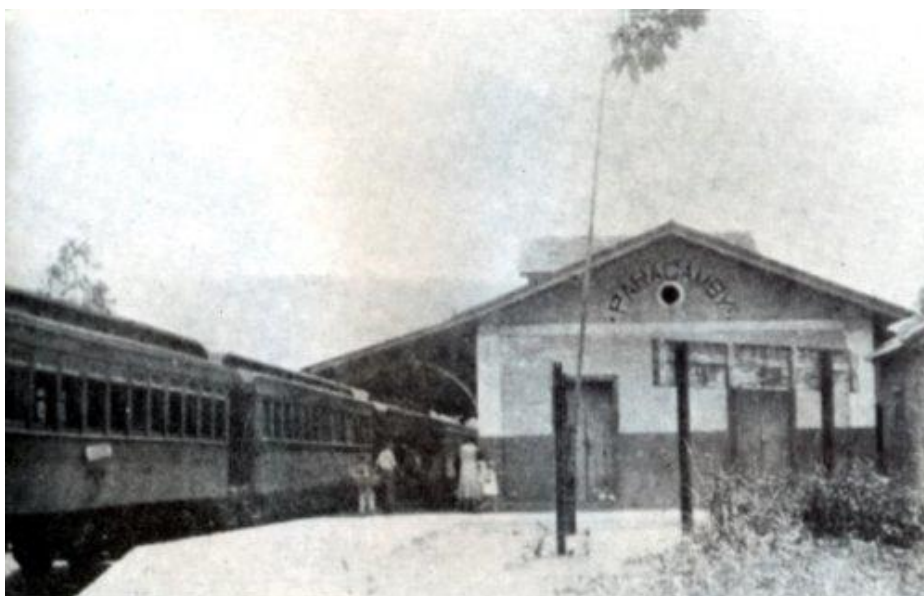
Dentre os braços fortes da industrialização mundial, destaca-se a força das ferrovias, sobre isso Hobsbawn afirma que:

“Em primeiro lugar, a economia industrial, nos seus primórdios descobriu, graças à pressão da busca pelo lucro da acumulação do capital, o que Marx chamou de sua “suprema realização” a estrada de ferro. Em segundo lugar – e parcialmente devido à estrada de ferro, ao vapor, a ao telegrafo “que finalmente representaram os meios de comunicação adequados aos meios de produção”

(Hobsbawn, 1996, p. 59)

Mesmo a ferrovia sendo uma grande marca potencializadora do avanço industrial ao longo do mundo, o fenômeno ferroviário não teve um largo investimento em solos brasileiros. No entanto, os trilhos ainda tiveram grande influência nos investimentos do Brasil. Em 1861, a Estrada de Ferro Central do Brasil alcançou o “Distrito de Paracambi”, trazendo todo o peso estratégico dos transportes sobre trilhos. Foi instalado na localidade, o ramal de Macacos, um dos primeiros ramais a ser construído pela E. F. Dom Pedro II. Tal empreendimento, em um local tão afastado, se explica pelo fato de Paracambi estar localizado no eixo de produção de café, logo o ramal ajudava no escoamento da produção. Essa mesma finalidade foi favorável à Cia Brasil e as demais fábricas, como também à Siderúrgica Lanari S/ A Indústria e Comércio, instalado em 1952.

Figura 4 Estação Ferroviária por volta de 1930.



Fonte: Grupo “Paracambi Antigamente” no Facebook.

No estudo das redes urbanas, torna-se visível um padrão onde a cidade e sua área de influência não são duas entidades independentes que concordam mutuamente em estabelecer trocas. Logo, é possível entender a relação estabelecida entre a metrópole e a região ao seu redor, no caso em questão, a relação entre Rio de Janeiro e Paracambi. No estabelecimento das redes urbanas, os serviços ofertados se organizam de forma hierárquica entre as regiões urbana e rural, sendo interligados nesse contexto. É nesse processo que a ferrovia mostra sua importância, visto que o modelo de organização advindo da revolução industrial necessitava não só da grande

oferta de recursos naturais encontrados em Paracambi e do porto para exportação no Rio de Janeiro, como também precisava da ferrovia interligando essas duas regiões. Enquanto que a metrópole regia a organização espacial dos produtos e serviços, cabendo a região industrial situada no município produzir material têxtil, a ferrovia garantia o acesso a esses produtos de forma satisfatória ao mercado. Como que exemplificando a importância e necessidade dessa via de transporte, a Brasil Industrial tinha gratuidade no transporte férreo, o que incentivava a produção em larga escala.

Figura 5: Quadro de horários da Estrada de Ferro d. Pedro II por volta de 1860.

Tabella da partida e chegada dos trens de passageiros nas diversas estações, nos domingos e dias santificados, que regerá do 1º de Agosto em diante.

DE MANHÃ.
Da corte a Macacos.

Estações	Chegada.		Partida.	
	hs.	ms.	hs.	ms.
Côrte	—	—	8	0
S. Christovão	8	8	8	10
Engenho-Novo	8	20	8	23
Cascadura	8	38	8	43
Sapopemba	8	53	8	56
Maxambomba	9	19	9	24
Queimados	9	49	9	54
Belém	10	13	10	25
Macacos	10	39	—	—

DE TARDE.
De Macacos á corte.

Estações.	Chegada.		Partida.	
	hs.	ms.	hs.	ms.
Macacos	—	—	3	36
Belém	3	30	4	0
Queimados	4	20	4	25
Maxambomba	4	50	4	53
Sapopemba	5	13	5	21
Cascadura	5	31	5	36
Engenho-Novo	5	43	5	53
S. Christovão	6	3	6	6
Côrte	6	13	—	—

Fonte: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/ef/estrada-de-ferro-dom-pedro-ii>.

Em entrevista, uma antiga trabalhadora da Cia Brasil Industrial conta sobre a ferrovia:

“Antigamente que era bom, o trem ia até lá dentro da fábrica! Eu não trabalhei lá, mas minha mãe sim. A gente ficava olhando o trem passar, levando os trabalhadores e os tecidos. Ele passava bem ali na avenida dos operários, depois tiraram os trilhos, agora nem dá pra ver”

(Maria Aparecida, 75 anos)

Analisando o histórico do capitalismo, sua influência na configuração do espaço e as consequências de suas imposições sociais no processo de urbanização,

Sposito (1988, p.42) diz que apesar da indústria poder ser entendida como a apropriação e transformação da natureza por parte da sociedade, a “industrialização é um processo mais amplo, que marca a chamada Idade Contemporânea e, que se caracteriza pelo predomínio da atividade industrial sobre as outras atividades econômicas”. Sob esse olhar, pode-se perceber uma reorganização espacial, onde a cidade caracterizada como uma aglomeração populacional com objetivos de sobrevivência e adaptação, passa a ser configurada para buscar a concentração de lucro. Indo além e observando essa reorganização espacial numa análise mais ampla, percebe-se que “[...] existem princípios gerais que regulam o número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento: grandes, médias, pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semi-rurais” (CORRÊA, 1989, p.21). Logo, na urbanização, cada agente espacial tem uma função definida e um lugar de ação estabelecido, ainda que a existência desses fatores seja desconhecida por parte dos moradores e trabalhadores dessas regiões.

A interdependência entre as áreas definidas de acordo com a divisão econômica do espaço intra-urbano, de um lado, e com a divisão social do espaço, de outro, é evidente quando se considera o circuito do capital na cidade, ou seja, a circulação entre sedes de empresas, bancos, fábricas e lojas, fixos no espaço econômico, e as áreas sociais, onde se realiza o consumo. Áreas de produção e de reprodução estão fortemente articuladas. A interdependência verifica-se também por intermédio da jornada para o trabalho, articulando locais de moradia e locais de trabalho. Em outras palavras, diferenciação sócio-espacial implica em articulação, restabelecendo a unidade aparentemente dissolvida

(CORREA, 2007, p.66)

É possível entender assim a organização espacial ocorrida em Paracambi e perceber que nada em sua dinâmica ocorreu de maneira aleatória ou sem um propósito claro. A indústria fabril precisava estar perto das principais fontes de energia e de ter, a sua disposição, a mão-de-obra necessária para sustentar o seu processo de estruturação e manter seu funcionamento. No instaurar a linha férrea, abriu-se caminho para a indústria têxtil, ao passo que a linha férrea achou caminho junto à necessidade de escoamento do café. Seguindo o mesmo raciocínio, a urbanização, acelerada pela presença da indústria, proporcionou o crescimento populacional para suprir a necessidade de mão-de-obra, essa que condicionou a distribuição espacial no território. Deve-se dar atenção ao fato de que essa lógica aplicada na urbanização e industrialização do município segue a mesma direção da

que foi expandida em todo o sistema capitalista desde a revolução industrial e com um objetivo claro: o aumento da produtividade e, por conseguinte, a concentração de capital. Sobre isso, Sposito afirma:

“A Revolução Industrial não aconteceu porque se descobriu a máquina a vapor, mas a máquina a vapor foi descoberta porque se precisava promover uma revolução nos moldes da produção industrial, de sorte a ampliar as possibilidades de realização do capital. ”

(SPOSITO, 1991, p. 48)

O investimento industrial em Paracambi reflete a construção dessa industrialização, que não apenas se utiliza dos meios existentes, como também cria seus próprios meios para se consolidar. Dentro dessa construção, a população que foi crescendo na cidade se viu condicionada desde seu início a uma configuração pré-determinada pelo sistema capitalista. Enquanto o crescimento industrial garantiu um crescimento da cidade como centro urbano, a população se estabeleceu como o braço que sustentou esse movimento, sendo condicionada ao papel de proletariado. Retorna aqui, a ideia de que as relações dentro da rede urbana são condicionadas por forças externas aos agentes diretos, sendo os moradores e trabalhadores de Paracambi influenciados pelo processo de industrialização a se engajar num processo de urbanização de seu espaço.

Olhando para um contexto mundial, essa configuração também não é exclusiva do caso em questão, servindo este como um exemplo em escala local do que diz Damiani: “a modernização implica o aburguesamento de determinadas camadas sociais e, ao mesmo tempo, a reprodução de uma massa crescente da população condenada à vida precária.” (DAMIANI, 2000, p.3). Os depoimentos dos trabalhadores paracambienses corroboram com essa análise, relatando o quanto as fábricas representavam não só uma fonte de renda, como também davam sentido a cidade e a seus moradores. A estruturação das classes sociais através da industrialização deu uma função à classe trabalhadora, ainda que esta não tivesse participação ativa na escolha e, tal função se mescla a rotina pessoal do trabalhador. Ao passo que esse processo se consolida, o trabalhador fabril se viu numa organização espacial onde sua vida só tinha um objetivo concreto e um sentido real se atrelado a função imposta pelo capital. Adriene, antiga operária, diz que “seria tão bom se tivéssemos outra coisa assim por aqui, não precisava ser fábrica igual era, só alguma coisa que fosse

garantida pra gente”. A percepção de Adriene está atrelada ao quadro onde a cidade e a fábrica são uma só coisa e, na ausência da primeira, torna-se incompleta a vivência da população.

3. A indústria têxtil em Paracambi e o cotidiano de seus operários

É de suma importância ressaltar que o debate em torno da origem do urbano e industrial de Paracambi traz, em seu âmago, a luta de classes, fazendo-se necessária na sua conscientização e evolução como movimento social interligado ao próprio capitalismo. É preciso então entender como o processo de implantação das fábricas têxteis se mostrou como um agente moldador do consciente coletivo dos trabalhadores paracambienses, estratificando sua população em camadas que, desde sua formação, já seguiam os moldes necessários para o controle social. Ladeira e Costa explicitam que era necessário não só obter a mão-de-obra para o complexo fabril, mas também “manter este contingente isolado” (LADEIRA E COSTA, 2007), ou seja, a vida do operário deveria estar ligada completamente ao contexto fabril. Era preciso que assim como aconteceu com Adriene, citada anteriormente, o trabalhador não tivesse em sua perspectiva de vida algo que não envolvesse uma dependência direta do meio onde trabalhava. Nesse sentido, era comprado não só a mão-de-obra do trabalhador, mas também a sua vivência por completo. A estratégia de envolver o trabalho no cotidiano do trabalhador de tal forma que fossem inseparáveis teve como carro chefe a criação das vilas operárias, preenchendo assim todos os núcleos vividos pelos trabalhadores. Sobre isso, Correia diz:

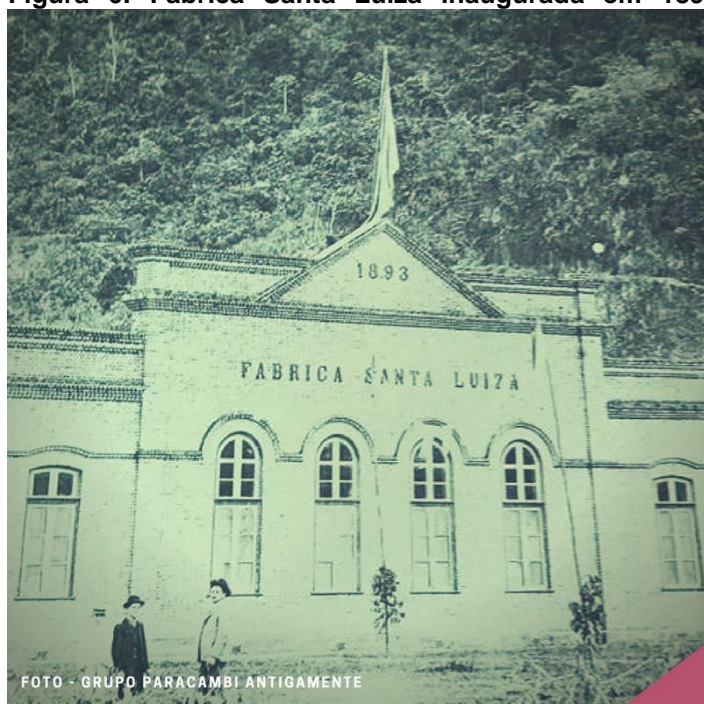
“A criação de núcleos fabris em localidades isoladas de cidades associa-se à busca por terras baratas, por proximidade em relação às fontes de energia (matas e cachoeiras) e por autonomia da indústria em relação aos poderes sediados nas cidades.”

(CORREIA, 2013, p.31)

Ao se utilizar desses espaços a indústria tinha o acesso aos recursos necessários para manter em funcionamento as suas máquinas e ao mesmo tempo, a localidade era uma ferramenta empregada para afastar o trabalhador de outras esferas sociais, afim de que a totalidade de sua vivencia fosse preenchida por elementos originados no ambiente de trabalho.

Para ter compreensão do impacto desse processo, este capítulo se propõe a analisar a presença do contexto fabril na vida dos paracambienses, com foco na relação dos mesmos com as fábricas.

Figura 6: Fábrica Santa Luiza inaugurada em 1893 (Data da imagem não confirmada).



Fonte: Grupo “Paracambi Anticamente’ no Facebook.

Segundo o site oficial da prefeitura de Paracambi, até 1885 sua região central se limitava a duas padarias, dez armazéns, uma capela e duas farmácias. Os investimentos foram crescendo e, em 1888, foi instalada uma escola noturna com capacidade para 200 alunos. Em sua maioria, os alunos eram trabalhadores da Cia Brasil industrial, que conciliavam trabalho e estudo. Após a instalação da Cia Brasil, outras fábricas foram atraídas para o município (inexistente ainda como tal), as principais sendo: Fábrica de Tecidos Maria Cândida, inaugurada em 1924, incorporando as suas instalações a já existente Fábrica Santa Luiza; Fazenda do Sabugo, onde funcionava uma olaria de grande porte, enviando tijolos para diversas empresas ao longo do Estado do Rio de Janeiro; uma fábrica de dinamites, onde houve um trágico acidente envolvendo uma explosão por volta de 1886. Havia investimentos como uma fábrica de bijuterias e as fazendas, que eram o meio de subsistência primário na localidade.

Sendo a região do município pautada na produção agrária, não só o território foi propício para a instalação das fábricas têxteis, como também, proporcionou a construção de todo um complexo fabril. Tal complexo atendia as necessidades básicas dos operários, cercando-os com uma rotina que preenchia

amplamente seu espaço social. A cidade de Paracambi não só foi moldada para atender a necessidade de produção têxtil, como também a vida de seus moradores foi condicionada a essa configuração, provocando uma naturalização dessa rotina, como conta Monica em sua entrevista:

“Minha mãe já era funcionária da Maria Cândida, uma outra fábrica, então ela foi e pediu uma vaga pra mim. Naquele tempo era muito assim, pai e mãe trabalhava, aí botavam os filhos. Era mais fácil.”

(Monica, 70 anos)

“Era mais fácil”. Essa frase evidencia a força da rotina fabril na cidade, onde era comum famílias inteiras trabalharem nas fábricas, ainda que não fossem as mesmas. Essa interação com os gerentes e comandantes das fábricas era decisiva para a manutenção da rotina interna dos funcionários com o sistema de produção, onde até mesmo o pedido para moradia na vila de funcionários era feito oralmente. Elisabete, de 69 anos, explica como o processo era realizado:

“A gente ia direto na gerencia pedir. Meu marido, na época, trabalhava na Maria Cândida e foi pedir a casa. Aí eles viam se tinha alguma livre ou que fosse desocupar e alugavam barato pra gente, porque a gente trabalhava lá, era só isso. A gente só pagava uma taxa. Eu morei em duas...”

(Elisabete, 69 anos)

A intimidade das relações de trabalho, onde o funcionário conhecia o gerente, o contramestre, o porteiro e onde boa parte do quadro de funcionários da fábrica eram vizinhos, gerava uma sensação de facilidade e comodidade no ambiente de trabalho. Tal sensação era endossada, além da moradia e vagas de emprego, pela presença de mercearias, escolas e atividades culturais, todas ligadas de maneira direta ou indireta a presença das fábricas em seus respectivos bairros.

Figura 7: Foto com funcionários da Brasil Industrial



Fonte: Foto cedida pela entrevistada Úrsula.

Úrsula Amaral, moradora de Paracambi, comenta a foto acima: “Meu bisavô Hindenburg Curtinhas, chamavam ele de o Buguinho massagista, é o terceiro, abaixado e da esquerda para direita.” (Úrsula, 48 anos)

Ao mostrar a foto com seu bisavô, Úrsula demonstra orgulho e diz que se sente feliz por sua família ter feito parte da história da cidade, a entrevista se estendeu ao passo que a entrevistada se prontificou a contar, emocionada, as histórias de que ouvia de seus avós e bisavós. Através do Facebook, onde Úrsula compartilhou sua foto, diversos outros moradores comentaram sobre a foto, em especial sobre o “Buguinho massagista”, contando histórias de parentes que o conheceram na fábrica e eram cuidados por ele. Esses fatores corroboravam para que o espaço de trabalho na fábrica e o espaço de convívio familiar e de lazer se misturassem, dando aos operários a ideia de que não havia satisfação maior do que trabalhar na fábrica, ao mesmo tempo em que eram presos a uma rotina que os absorvia de forma a não olharem para além de suas máquinas de trabalho. A maior parte do lazer vivenciado pelos funcionários era oferecido pela companhia têxtil ou patrocinado em parte por ela. Abaixo, o time de futebol que levava o nome da principal fábrica da cidade.

Figura 8 : Time de futebol patrocinado pela Cia Brasil Industrial.



Fonte: Grupo “Paracambi Antigamente” no Facebook.

Nas dependências da Cia Brasil foram construídos uma capela e um clube, chamado Cassino, onde, em um primeiro momento, apenas os funcionários executivos podiam frequentar suas festas, mas com o passar do tempo, foi aberto a todos os operários. Sendo assim, o ambiente de trabalho reunia em um só espaço: lazer, religião e trabalho. Como dito, isso fortalecia os laços do operário com seu local de trabalho de tal forma que não havia um elemento em sua rotina que não envolvesse a fábrica de alguma maneira. Keller (1997), acerca dessa relação, afirma:

“Há, também, uma relação entre os próprios elementos pelo simples fato da vida cotidiana do operariado nessa situação particular não encontrar limites demarcados – todos os “aparatos institucionais” estão combinados num mesmo complexo fabril.”

(KELLER, 1997, p. 17)

Vania Herédia (2003), em um estudo sobre as vilas operárias no Sul do Brasil, colabora com o raciocínio, ao identificar em seu estudo as relações estabelecidas entre as fábricas e os operários em todas as circunstâncias de sua vida.

Entretanto, não se pode negar que existam traços de dominação em relação a operários que vivem em uma vila operária. No caso em estudo, a dominação não aparecia através de um controle repressivo, violento e direto. Existia todo um processo de dominação informal que impunha a aceitação de uma série de regras e comportamentos, através das instituições de que mais freqüentemente os operários participavam, englobando a escola, a cooperativa, a igreja, o sindicato e as mais diversas formas de recreação. A

fábrica praticamente financiava todas essas atividades, e como consequência tinha ascendência sobre elas, podendo agenciar as estratégias empregadas para o seu domínio. Esse fato gerava um espírito de reciprocidade onde a submissão, a obediência, o respeito e o medo eram trocados pela estabilidade no emprego e lugar fixo na vila.

(HEREDIA, 2003, p. 6)

Monica, entrevistada que trabalhou na fábrica Maria Cândida nos anos 1980 evidencia ainda em sua fala o quanto essa rotina, que englobava tanto trabalho quanto lazer, preenchia seu tempo:

“No meu ponto de vista, era uma rotina mesmo, eu não via quase nada, era muito jovem e ficava mais na Cascata mesmo... Paracambi mesmo, eu fui conhecer bem mais tarde.”

(Monica, 53 anos)

Os relatos durante as entrevistas evidenciam que muitos trabalhadores não tinham acesso à educação ou abandonaram os estudos para iniciarem a vida operária, ao mesmo tempo que muitos voltaram a estudar por meio da fábrica onde trabalhava, com uma vaga concedida através da mediação de um supervisor. Quando terminavam o período letivo, estes moradores continuaram trabalhando na mesma fábrica. Quando pensavam em se divertir, iam ao Cassino da fábrica. Quando pensavam em sua missa, iam à capela da fábrica. Quando pensavam em futebol, se integravam ou assistiam ao time de futebol da fábrica. Compravam na mercearia que era mantida por um funcionário da fábrica. Ainda que pareça simplório, o fato de todas as atividades diárias de uma pessoa estarem ligadas, de uma forma ou de outra, ao seu ambiente de trabalho, é a mais pura forma de alienação do trabalhador. Criando uma consciência coletiva, onde os operários tornam-se indissociáveis de sua fábrica, tendo-a como um espaço vital elevado ao mesmo nível de seu espaço familiar ou de lazer.

Figura 9: Festa na Capela da Brasil Industrial em 1907



Fonte: Grupo “Paracambi Antigamente” no Facebook.

Atrelado ao envolvimento do complexo fabril na vida do operário, os diretores das fábricas exerciam total controle sobre a vida do mesmo, não só no espaço de trabalho, mas também nos espaços de lazer e mesmo dentro das casas. Segundo os trabalhadores, haviam guardas que vigiavam as vilas, fazendo turnos durante dia e noite, observando a chegada do último trem e controlando as atividades da vila operária.

“Aquela guarita que tem ali na entrada da fábrica hoje, era mais pra frente, na praça. Os guardas vigiavam dali pra dentro, andando pra lá e pra cá. Eles tomavam conta de tudo. Tinha o Geraldo, o José...”

(Maria Aparecida, 64 anos)

Ainda segundo depoimentos de ex-operários, nenhuma casa poderia estar aberta após as 22hs, caso contrário, um guarda se aproximava e indagava o motivo de tal situação. Se houvesse um homem sem camisa e, se isso fosse visível do lado de fora, o guarda procedia da mesma maneira. Tal procedimento era encarado pelos moradores da vila operária como uma questão de segurança. Ao morar na vila da fábrica, o morador não poderia fazer nenhuma alteração na casa, nem mesmo pintar os cômodos internos. Certa vez, um trabalhador pintou um cômodo de azul claro, ao invés de deixá-lo branco, foi chamado pela diretoria e ordenado a pintar outra vez o

cômodo e não repetir a mudança. Tais relatos foram contados pelo senhor Sebastião, que trabalhou na fábrica Maria Cândida:

“Toda vez que a gente ia fazer alguma coisa na casa, tinha que pedir permissão. A casa era nossa, mas ao mesmo tempo não era, sabe? Minha irmã era dona da casa que eu morava e ela precisava manter a casa igualzinho quando deram pra ela. A mesma coisa era minha mãe, ela tinha uma dessas casas, mas era na Brasil, a gente ficou pouco tempo lá.”
(Sebastião, 81 anos)

Na imagem abaixo, é possível ver a vila operária, a Brasil Industrial ao fundo e os trabalhadores na festa de N. S. da Conceição, acompanhados da banda musical da fábrica.

Figura 10: Festa de N. S da Conceição, na fábrica Brasil Industrial, na década de 1950.



Fonte: Grupo “Paracambi Antigamente” no Facebook.

Por esses relatos fica visível a dominação por parte dos diretores das fábricas, indo além da esfera do trabalho, invadindo a vida particular dos operários, decidindo desde o horário de lazer, até o comportamento dentro de casa. Um claro exemplo da disciplina fabril, sendo estendida até os lares dos operários, regrando todas as áreas da sua vida. Enquanto para os executivos, o fim do expediente marcava sua volta para casa, para os operários, a volta para casa, marcava apenas a continuidade de um expediente sem início ou fim.

A sensação de segurança comercial criada pela presença da indústria têxtil no município deixou marcas que perduram até os dias de hoje. Sobre isso, Adriene, que trabalhou na Crown (fábrica de tecidos), diz:

“Hoje a cidade melhorou em termos, nós temos um hospital que vem gente de fora se cuidar, mas naquela época com as fábricas, tinha emprego pra todo mundo. Antes, as pessoas não desciam tanto pra trabalhar igual fazem hoje...”

(Adriene, 47)

Quando diz “não desciam tanto pra trabalhar”, Adriene está fazendo referência ao fato de sair de Paracambi para a cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego. Os laços criados entre as fábricas e a população paracambiense, que tiveram início mesmo antes da população poder ser chamada assim, não desapareceram e possivelmente ficaram marcados no município, visto que a indústria têxtil foi mais do que um meio de sustento para os seus operários. Ela foi a norteadora de seu modo de vida, movendo sua rotina no mesmo ritmo de suas máquinas. Enquanto os diretores retomavam suas vidas para além dos terrenos das fábricas, após o expediente, os funcionários continuavam sua rotina dentro dos limites fabris. Contudo, os operários viram suas fábricas se fechando, uma por uma e sua rotina foi entrando em colapso sem as máquinas para nortear seu cotidiano. Mônica relata um pouco desse momento:

“Eu ouvi falar e até presenciei algumas famílias que ficaram perdidas, não sabiam o que fazer porque viviam a vida toda trabalhando ali, não estudou, não se preparou, ficou ali no comodismo. Aí a fábrica fechou, teve família que teve que receber ajuda de mantimentos. A minha igreja tinha algumas famílias na Cascata que ela levava sexta básica pra elas, porque elas não sabiam como fazer, totalmente dependente da fábrica.”

(Monica Guimarães, 53 anos)

A fala da entrevistada Mônica pode parecer dramática ao dizer que algumas famílias ficaram perdidas, mas é preciso lembrar que mesmo com o passar das décadas, o crescimento urbano não mudou o fato de que a economia do município continuou se pautando na produção têxtil, ainda que essa já estivesse em declínio a nível nacional. Para além disso, sem instrução escolar, os funcionários se moldaram a esse tipo de trabalho, sem que fosse ofertada uma outra alternativa para suprir a falta desse mercado. Mônica completa o seu raciocínio, demonstrando preocupação e pesar em sua fala:

“Eu vejo hoje, eu Mônica, com o pouco conhecimento que eu tenho, que a cidade cresceu, mas ainda existe um povo, algumas pessoas que não evoluíram com a cidade. Estão ainda dando cabeçadas, não se adaptaram.”
(Monica Guimarães, 53 anos)

Não há adaptação quando se está imerso, alienado num sistema que envolve todas as áreas do seu cotidiano e de repente é tirado da sua rotina. Este estudo tem como parte importante de sua construção, a consciência de que não se tratam aqui de dados ou números isolados de um contexto social, onde a peça fundamental de estruturação não são bobinas, tecidos ou escoamento de produção e sim, a população de um município que teve sua vida moldada pela chegada da indústria têxtil e totalmente mudada com a sua saída.

4. Tempos Modernos? A fábrica de conhecimento e a formação de trabalhadores

Tendo em mente que a produção espacial não está ligada a um ou outro fator e sim a um conjunto de agentes e fatores que resultam numa determinada configuração espacial, olhar a sociedade e desassocia-la da construção de seu próprio espaço de vivência é impossível. Segundo Harvey (2004), a produção das configurações espaciais deve ser analisada como um momento ativo dentro da dinâmica temporal geral da acumulação e da reprodução social. Logo, deve-se analisar determinados casos específicos sem excluir os fatores formadores e transformadores do espaço em questão, visto que a transformação desse espaço é algo ativo e dinâmico na vivência da sociedade.

A Companhia Têxtil Brasil Industrial encerrou suas atividades em 1984, após quase um século de produção de tecidos de algodão. Em 1985, seu prédio foi tombado pelo então Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). É importante salientar que mesmo com suas atividades encerradas, a Brasil Industrial ainda se matinha ativa na memória dos paracambienses, trazendo a constante lembrança da sua presença na história da cidade.

“Dava tristeza de ver aquele prédio lindo todo abandonado, acho que demoraram pra usar ele de novo. Muita gente trabalhou lá a vida toda e quando ia lá pra ver, tava tudo quebrado. Os lugares que são importantes assim, deveriam ter um cuidado especial, né?”

(Rita de Cássia, 69 anos)

Para os moradores, as fábricas eram parte indissociável daquilo que conheciam como sendo a sua cidade, tão essencial quanto suas próprias casas. Não estava dentro de sua compreensão o fato de que a construção da cidade na forma física e a construção da relação dos próprios moradores com ela, não estava condicionada à vontade deles e sim ao ritmo particular da necessidade do capital. Tal fenômeno espacial é explicado por Harvey (2004) ao dizer que os lugares como “fábricas e campos, escola, igrejas, centros comerciais e parques, rodovias e ferrovias se espalham por uma paisagem que tem sido indelével e irreversivelmente criada seguindo os ditames do capitalismo”. (HARVEY 2004, p 477)

No ano de 2001, o prédio foi comprado pela prefeitura municipal, que deu novas atribuições ao local. Esse momento específico permite uma análise da

organização espacial aplicada na cidade, partindo do princípio de que a mesma é “constituída pelo conjunto de formas e interações espaciais” (CORREA, 2016, p. 132). Segundo SANTOS (1985), não se pode analisar os fatores que compõe essa construção de forma isolada, pois se apresentará uma realidade particionada, limitando a compreensão da mesma. Quando se une estrutura, processo, função e forma, obtém-se então a totalidade do espaço. A partir dessa análise, é possível compreender a dinâmica observada na transformação de Paracambi.

A equipe inglesa que instalou a Companhia Têxtil no município construiu o prédio para que fossem ali exercidas as atividades de produção de tecidos de algodão, contudo, coube a esta equipe decidir a *forma* do prédio e a sua *função*, enquanto a mesma estava em funcionamento. Quando a prefeitura adquiriu o prédio, foram instaladas ali as secretarias de Meio Ambiente e Cultura, além da Companhia Municipal de Balé, o Planetário da cidade, o Espaço Cinema e Arte, dentre outras instituições. Esta mudança na *função* do prédio, sem que seja mudada a sua *forma* original, não foi inédita ou inesperada, visto que o mesmo já havia sido feito em diversas localidades, mesmo no Rio de Janeiro, como a Companhia de Tecidos Nova América, onde hoje em seu prédio, funciona o Shopping Nova América. Entretanto, o fator em destaque na reorganização funcional neste caso, está na quantidade de institutos educacionais que foram alocados no antigo prédio da Companhia Têxtil. Desde que foi adquirido pela prefeitura, o local abrigou sede dos seguintes institutos: CEDERJ, IFRJ, FAETEC, CETEPIS, Escola de Música Villa Lobos, FAERTERJ, IST – Paracambi, dentre outros cursos profissionalizantes e de ensino superior. Após todos esses investimentos específicos, o local passou a ser conhecido como “*A Fábrica do Conhecimento*”.

É extremamente necessário ressaltar que o simbolismo está presente como um fator de peso na sociedade, através da representatividade dos espaços, construindo assim formas simbólicas. Sobre essas formas, CORREA (2014, p. 28) diz que “tornam-se formas simbólicas espaciais quando conectadas diretamente com o espaço, influenciando-o e sendo por este influenciado”, entende-se assim que tais formas evidenciam cultura, economia e outras dimensões sociais. Logo, ao analisar a Brasil Industrial passando por um processo de ressignificação e assumindo uma nova

função sobre sua antiga forma, a reorganização do espaço se mostra presente na vida dos paracambienses de uma maneira específica a ser apontada aqui.

Ao se fazer uma analogia entre fábrica e educação, cria-se um ambiente tenso para discussões. Esta analogia já esteve presente no projeto Escola do Amanhã, desenvolvido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2009, onde estas escolas seriam modelos de ponta no que se refere a estrutura, ensino e profissionalismo, com horário integral e atividades culturais. Essas escolas seriam construídas pela chamada “Fábrica de Escolas”. A presente discussão não visa debater sobre o propósito do projeto Escola do Amanhã, suas propostas, prós e contras, ou sua validade educacional, mas sim sobre o simbolismo adotado para representar suas ações. Segue abaixo, o cartaz veiculado pelo próprio governo estadual, apresentando a Fábrica de Escolas.

Figura 11: Campanha publicitária divulgada pelo governo do Rio de Janeiro.



Fonte: Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.

“Nossa linha de produção é simples...” É preciso esclarecer que o objetivo não é dizer se a intenção ou propósito da equipe de marketing responsável foi realmente fazer uma comparação entre a escola e a fábrica, no entanto, sendo proposital ou não, a comparação foi explícita. Esta mesma comparação é feita quando o prédio da antiga Companhia Têxtil Brasil Industrial é chamado de Fábrica de

Conhecimento. Levanta-se as seguintes questões: a fábrica produz o conhecimento para os alunos? Para que esse conhecimento é gerado? Ela produz conhecimento ou produz trabalhadores?

Analisando o histórico da educação profissionalizante no Brasil, segundo BISPO (2015), as

“...tarefas de manutenção, reparos, ajustes das máquinas que, por sua vez, exigiam, além do conhecimento teórico, um preparo específico fizeram surgir os cursos profissionais organizados no âmbito das empresas ou do sistema de ensino tendo como referência o padrão escolar.”

(BISPO, 2015, p. 7)

A chamada educação profissionalizante já estava presente no Brasil ainda no Império, onde havia uma preocupação em relação à busca da formação compulsória de trabalhadores em vários ofícios, contudo, o regime Federativo da República possibilitou a criação de uma rede educacional que organizou de forma a incorporar a iniciativa privada e o Estados da Federação. O então presidente, Nilo Peçanha, por meio do Decreto 7.566 de 23 de setembro de 1909, instaurou uma rede de 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, tornando real a educação profissionalizante como parte da rede federal de educação. Incorporados a rede federal, os polos de educação profissionalizante foram sofrendo alterações ao longo das décadas, sendo chamados de Liceus Profissionais, depois Escolas Industriais e Técnicas, Escolas Técnicas, Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) até chegar aos dias atuais, com a educação profissional fornecida pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Atualmente, o ensino profissionalizante é voltado para uma Educação Profissional e Tecnológica, educação essa que é “levada ao estatuto de Políticas Públicas, e, como tal, é considerado direito e bem público, condição de desenvolvimento humano, econômico e social, comprometida com a Redução das desigualdades sociais e regionais” (SOUZA, 2011, p 43). Durante todos esses anos o ensino profissionalizante por meio da rede privada também teve grande crescimento não sendo, no entanto, o foco desta discussão.

Como dito anteriormente, o município de Paracambi manteve um laço estreito com a fábrica, pois seus moradores serviram de mão-de-obra durante todo o tempo de funcionamento. Hoje, a demanda do capital é por trabalhadores que sejam qualificados, ou seja, que tenham não só força, mas conhecimento. Qual o lugar melhor para se formar um bom trabalhador para o mercado de hoje, do que a Fábrica do Conhecimento? Onde antes eram produzidas mercadorias por meio da mão-de-obra paracambiense, hoje se forma mão-de-obra paracambiense para produzir.

Figura 12: prédio da Brasil Industrial em 2020, onde funcionam o IFRJ e outros projetos educacionais.



Fonte: Acervo pessoal.

A constante apropriação da educação por parte do Capital torna a escola um ambiente de treinamento e não de divisão e multiplicação do saber. Ao colocar a escola (seja qual for a modalidade) com a intensão clara de treinar e produzir mão-de-obra para as necessidades do capital, nega-se ao estudante o direito básico de se ter uma formação crítica como cidadão, e passa-se a oferecer, como se ele tivesse o poder de escolha, uma mecanização que retira toda e qualquer autonomia intelectual e produtiva. Como resultado, tem-se uma sociedade de trabalhadores mecânicos, com o único intuito de cumprir os desejos dos grandes empresários e exercer com

louvor suas funções e encargos. Uma rotina que é bem descrita na canção de Chico Buarque:

“...Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Subiu a construção como se fosse máquina
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público;”

A canção em questão chama-se “*Construção*”. A letra parece fazer alusão a simples construção de um prédio, quando na verdade, trata-se da construção do indivíduo como trabalhador. Quando se trata de educação, é essencial ter consciência do que está sendo ensinado, para quê e para quem se ensina. Educar para transmitir o saber ou para que, como diz a canção, o indivíduo saiba trabalhar “como máquina”? Eis a questão evocada com A Fábrica do Conhecimento e a Fábrica de Escolas do Amanhã. Cidadãos ou máquinas? Conhecimento ou capacidade produtiva? Autonomia ou subserviência?

Considerações Finais

O município de Paracambi traz em sua história marcas de uma sociedade onde seus cidadãos foram moldados nos parâmetros do capital industrial, quanto o esse período industrial não era mais lucrativo ao capitalismo, tiveram de se reorganizar para sobreviver em meio a mudanças drásticas, tanto econômicas quanto sociais. Analisando as complexas camadas dessas mudanças, foi possível observar na prática os impactos originados nas esferas mais altas da sociedade que desaguam na massa popular, ou seja, a classe trabalhadora.

Ao entender que a instalação de uma ferrovia possibilitou a criação de um complexo fabril, que, por sua vez, deu impulso ao crescimento de um pequeno povoado, que mais tarde, graças ao crescimento das fábricas, se tornaria um município, torna-se espantoso e inegavelmente determinante o poder do capitalismo sobre a vida do indivíduo. Seja em micro ou macro escalas, as decisões de cada indivíduo ou mesmo grupo, foram cerceadas pela lógica capitalista aplicada ao modelo de produção majoritário na cidade. Foi criado um ciclo com início na formação do trabalhador, passando pela sua atuação no mercado de trabalho e retornando à formação educacional, ciclo esse que se remodelou com o passar dos anos, porém, que se mantém até o presente.

A rotina dos trabalhadores nos complexos fabris demonstra o alcance do sistema capitalista dentro da vivência do próprio indivíduo, onde não há barreiras entre o que é vida pessoal e o que é o ambiente de trabalho. A normatização dessa rotina e o desencorajamento a mudança da mesma desembocam numa sociedade marcada pela privação de uma construção social livre dos interesses daqueles que controlam os mercados e o capital. Através dos dados apresentados e, principalmente, dos depoimentos analisados é possível enxergar a luta de uma classe trabalhadora por sobrevivência em meio a um sistema econômico que ditava cada segundo do seu dia, dentro e fora da fábrica. Torna-se evidente também, o quanto uma educação crítica se faz necessária como ferramenta de resistência a favor da luta de classes e até mesmo em favor da sobrevivência diante de um sistema opressor que, a cada dia, expropria o indivíduo de sua própria individualidade.

“Às vezes eu sinto muita saudade daquela época, sabe? A minha família passou muita necessidade, mas a gente era feliz porque conseguia ver além

dessas dificuldades. Ainda assim eu acho que hoje é melhor que antes, não sei se eu ia ter força pra trabalhar naquela fábrica pro resto da vida. A vida toda trocando bobina de máquina? Deus me livre.”

(Amélia, 79 anos)

Ainda que os tempos de vila operária tenham sido extintos em Paracambi, parte dos trabalhadores se veem diante de outra rotina, a mobilidade pendular entre município paracambiense e o centro do Rio de Janeiro. Onde antes existia uma dependência local das fábricas, hoje há uma dependência do transporte ferroviário.

“A minha avó nunca saiu de Paracambi, sempre trabalhou e viveu por aqui. Já a minha mãe, trabalhou um tempo em Queimados, mas hoje ela trabalha por aqui mesmo. Agora olha eu? Todo dia eu to lá, no trem de 4:20h! As pessoas acham que porque eu sou professora de dança minha vida é fácil, quer ver enfrentar essa viagem todo dia igual eu faço!.”

(Bruna, 33anos)

A ferrovia ainda se faz presente e carrega grande importância para a cidade de Paracambi. Utilizados como principal meio de transporte os trens são operados pela Supervia que é responsável pelo serviço de trens urbanos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro desde 1º de novembro de 1998. Dentre as famílias entrevistadas, várias delas apresentaram casos de trabalhadores que precisam se deslocar diariamente utilizando o transporte ferroviário.

A linha férrea que antes era responsável por transportar matéria prima e escoar a produção do município, hoje ainda se mostra parte indispensável da vida do trabalhador paracambiense que precisa se deslocar por longas distâncias para cumprir seu horário de trabalho.

Os anos passam, as máquinas mudam, os trens se modernizam e as fábricas viram escolas e, o trabalhador paracambiense vai se moldando e se submetendo às exigências do capitalismo para que sua subsistência possa ser de alguma forma garantida.

Bibliografia

ABREU, M. de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO / ZAHAR, 1987.

IBGE, Censo demográfico (2010). Dados disponíveis em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=330360&idtema=1>.

BISPO, Fabiana Carvalho da Silva. Formação Profissional e cidadania: A contribuição do PRONATEC. 2015.

CORRÊA, R.L O espaço metropolitano e sua dinâmica. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 171-180.

_____. Os estudos de rêdes urbanas no Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.29, n.4. p.93-116, mar/jun.1967.

_____, R.L. A rede urbana. São Paulo: Ática, 1989

_____. Espaço e Simbolismo. In Olhares Geográficos – Modos de Ver e Viver o Espaço. Org. I. E. Castro, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012

_____. Organização do Espaço: Dimensões, Processos, Formas e Significados. Geografia, vol. 36, número especial, 2011

_____. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 2004.

_____. Processos, Formas e Interações Espaciais. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro. 2016.

_____, R. L. Cultura, política, economia e espaço. Espaço e cultura, RJ, n. 35, p. 27-39, jan. jun. 2014.

CORREIA, Telma Barros; (2013). A INDÚSTRIA E O URBANO: AGLOMERAÇÕES GERADAS POR FÁBRICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO. Oculum Ensaios, 2013.
CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14.

CURY, V. M. *História da industrialização no século XIX*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. V. 1. 184p.

CORREIA, Telma de Barros. A indústria e a moradia operária: as diferentes formas de acesso a casas em vilas operárias e núcleos fabris. In: Sinpses. São Paulo, nº. 28 (Dez), 1997. p. 9–18.

_____. A indústria e o urbano: aglomerações geradas Por fábricas no estado de São Paulo. Olocum Ensaios. Campinas, 2013

DAMIANI, Amélia Luísa. A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.21-37, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Topoi , 2002, v.3, n.5, p. 314-332. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00314.pdf>

_____; AMADO, J. (Org.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Jorge A.; ASQUINI, Rafael; SILVA, Victor de Almeida; LUIZ, André; LATUFF, Carlos. *Folha da Manhã*, 1948

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. (2004). Condição pós-moderna (A. U. Sobral & M. Stela, Trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Obra original publicada em 1990).

HERÉDIA, V. B. M. A construção se vilas operárias no sul do Brasil: o caso de Galópolis. Scripta Nova.Revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, núm. 146(080). [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(080\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(080).htm)

HOBBSAWM, Eric J. A era do capital (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996,

JARDIM, Antônio de Ponte. *Mobilidade Intrametropolitana no Rio de Janeiro*. In: Helion Póvoa Neto; Ademir Pacelli Ferreira. (Org.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: FAPERJ e Editora Revan, 2005, v., p. 375-393

KELLER, Paulo F. *Fábrica & Vila Operária: a vida cotidiana dos operários têxteis em Paracambi-Rj*. Engenheiro Paulo de Frontin, RJ: Sólton Ribeiro, 1997.

LIMA FILHO, D.L. A tecnologia e a educação tecnológica: elementos para uma sistematização conceitual. Educação & Tecnologia, Belo Horizonte, v. 10, n. p. 19-28, jan./jun. 2005.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. *Fluxos migratórios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. In: Helion Póvoa e Ferreira, Ademir Pacelli. (Org.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, v. 1, p. 349-363.

SANTOS, M (2004). Pensando o espaço do homem. 5ª ed. São Paulo, Edusp.

_____. A totalidade do diabo. In:____ Economia Espacial - São Paulo: Editora HUCITEC. P.31- 43, 1977

_____. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002 [Hucitec, 1996].

_____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil. Território e Sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>.

SECRETARIA Estadual de Transportes do Rio de Janeiro. Plano Diretor de Transporte Urbano. Disponível em: <http://download.rj.gov.br/documentos/10112/157768/DLFE82607.pdf/PDTU2015.pdf>

SOUZA, Antônia de Abreu; NUNES, Claudio Ricardo Gomes de Lima; OLIVEIRA Elenice Gomes de. Políticas públicas para a educação profissional e tecnológica no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SOUZA, Tarquínio de, (1886). O ensino técnico no Brasil. Rio de Janeiro:

SPOSITO, M. Encarnação. Capitalismo e Urbanização. São Paulo, Contexto, 1991.

Anexo



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Pesquisa: Operários têxteis de Paracambi

Pesquisador: Jonathan Souza

Questionário N°: _____

1. Nome do entrevistado: _____

2. Idade: _____

3. Local onde nasceu: _____

4. Nível de escolaridade:

- () Não frequentou a escola
- () Primeiro Grau Incompleto
- () Primeiro Grau Completo
- () Segundo Grau Incompleto
- () Segundo Grau completo
- () Ensino Superior Incompleto
- () Ensino superior Completo

5. Trabalhou em alguma fábrica têxtil de Paracambi?

- () Sim
- () Não

6. Se sim, em qual fábrica e qual era a sua função?

7. Lembra qual era o salário na época?

8. Como conseguiu emprego na fábrica?

9. Qual era sua jornada de trabalho? (Número de horas e dias da semana)

10. Como era sua rotina de trabalho?

11. Por quanto tempo atuou nessa profissão?

12. Algum parente seu trabalhou nas fábricas?

13. Caso não tenha trabalhado nas fábricas, qual sua profissão?

14. Você ou alguém da sua família trabalha ou trabalhou fora de Paracambi? Como era essa rotina?

15. Tipos de transportes utilizados:

() Trem

() Ônibus

() Metrô

() Veículo particular

() Outros. _____

16., Você tem lembranças de como era a vida em Paracambi enquanto as fábricas ainda funcionavam?

17. É possível fazer uma comparação da Paracambi de hoje com a Paracambi dos tempos fabris?
